O INDIVÍDUO

Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero * Número Zero

O MASSACRE DE CANUDOS
e
O MASSACRE DO BOM SENSO

***

CIÊNCIA VERSUS FILOSOFIA ?

***

A NEGRA NOITE DA CONSCIÊNCIA

***

O FUTURO DO RIDÍCULO

***

POESIA

***

QU'EST-CE QUE C'EST "CAMBRALHA" ?

O INDIVÍDUO

NÚMERO ZERO - NOVEMBRO DE 1997

CONSELHO EDITORIAL
Álvaro de Carvalho
Pedro Sette Câmara
Sergio Coutinho de Biasi
Zé Roberto H. B. de Barros

DIAGRAMAÇÃO
Sergio Coutinho de Biasi
Pedro Sette Câmara

FOTOS
Sergio Coutinho de Biasi

ROUBO DE FIGURAS DA INTERNET
Sergio Coutinho de Biasi

O conteúdo de cada coluna é manifestação do pensamento individual do respectivo autor.

EDITORIAL

É bom avisar logo que, num jornal que se chama O INDIVÍDUO, este editorial do número zero vai ser um dos raros artigos escritos de forma dita "impessoal". Ou melhor: vai ser assinado por quatro pessoas, nós quatro que formamos o conselho editorial deste jornal. Porque neste jornal deve imperar o estritamente *pessoal*, pensado e escrito por um indivíduo sozinho.

Isto está fundamentado na nossa crença no indivíduo. Num tempo em que se fala muito em coletividades, nos "excluídos", nos "sem-alguma coisa"(e todos somos sem alguma coisa...), no velho "proletariado", nas "forças populares", na "juventude", na "geração cara-pintada", nas "tribos" e tudo mais, nós queremos nos dirigir ao ser humano sozinho, de um para um. Porque é assim que as coisas são. Individuais.

Todas estas coletividades são apenas figuras que utilizamos para pensar com uma certa ordem e que *não se traduzem completamente* na figura de uma pessoa que, se pode ter características atribuídas à coletividade, pode também - como acontece na maioria dos casos - transcendê-las.

Além do quê, não é, por exemplo, "a juventude" que pensa, mas cada jovem *em separado*. Se há semelhanças entre o pensamento de vários jovens, isto não é razão para crer que o coletivo substitua o individual, como se "a juventude" fosse um ente concreto e não apenas uma qualidade humana (aliás, a mais efêmera), como se a produção intelectual simplesmente emanasse diretamente da sociedade ou de grupos sociais sem que no final das contas seja, concretamente, produzida por indivíduos.

Por isso, acreditamos que não faz sentido nos dirigirmos às pessoas como "grupo". Nós quatro queremos, antes de tudo, atingir e despertar os *indivíduos* pensantes, sejam negros, brancos, pardos, façam Física ou Letras, o que quer que seja.

A segunda motivação por trás deste jornal, muitíssimo ligada à primeira, está no nosso estranhamento a muita coisa deste nosso mundo *muderno* e da Pontifícia Universidade Católica. "Madness in great ones must not unwatched go"("A loucura nos grandes não deve ficar sem vigilância"), diz o rei Claudius em *Hamlet*. Assim sendo, escrevemos estes artigos também para avisar aos "grandes" - a cada professor, a cada membro do corpo administrativo da PUC, gente do mundo *cultural* e *formadores de opinião* em geral - que há uma platéia vigilante, que não podem achar que sua loucura passa desapercebida.

Na verdade, não temos a menor pretensão de realizar qualquer revolução. Só queremos mesmo que a PUC, professores, padres e alunos, saibam da nossa existência. Os que gostarem, ótimo; os que quiserem participar, melhor ainda. Os que não gostarem provavelmente só aumentarão nossa certeza de estar no caminho certo.

Terminando, queremos salientar que esse não é um jornal de opiniões decartáveis, de pensamentos não elaborados, como aqueles que as pessoas têm ao fim do almoço. Tudo o que estiver aqui publicado pretende estar fundamentado em *argumentos* e deverá ser considerado como tal. Quem quer ter razão no grito, por autoridade ou através de chantagem emocional não nos interessa; só prestamos atenção a quem quiser discutir alguma coisa em bases razoáveis. E, antecipando uma reação, endêmica em nossos tempos, àqueles que, como nós, não consideram que a verdade surja do consenso, e sim da reflexão, que fique claro desde já que apesar disso não nos consideramos os "donos da verdade". É só que o nível do debate tem estado tão baixo que um pouco de veemência e real capacidade argumentativa (aliada à consistência do conteúdo) assusta os espíritos mais frágeis, que vêem na celebração incondicional de quaisquer opiniões apresentadas a essência do debate, e não sua caricatura.

Pode ser ainda que tudo que se escreva aqui seja meramente bobagem, que nós não passemos de uns malucos arrogantes. Mas, ainda que o sejamos, queremos deixar clara a certeza que fundamenta tudo que dissermos, *inclusive a possibilidade do errar*. Nas palavras do espanhol Antonio Machado:

La verdad la verdad es
y sigue siendo verdad
aunque se diga al revés.

Álvaro de Carvalho
Pedro Sette Câmara
Sergio Coutinho de Biasi
Zé Roberto H. B. de Barros

por ALVARO R. VELLOSO DE CARVALHO

O MASSACRE DO BOM SENSO

Diante de certas manifestações de total falta de senso que andam invadindo os pilotis, é muito valorosa a advertência do historiador Evaldo Cabral de Melo, em recente entrevista para o caderno "Prosa e Verso", do jornal "O Globo".

Dizia ele, com coragem rara em nossos intelectuais, que política retroativa não é História. A História, para que se pretenda ciência, deve ser feita com documentos e elementos verificáveis. Em outras palavras, para estudar a História, não nos cabe impor modelos à realidade ou querer que o passado se adapte às nossas aspirações presentes. É preciso buscar a veracidade, buscar o fato, deixando que a realidade se apresente a nós tal e qual ela foi e não como gostaríamos que ela tivesse sido.

Não digo com isso que a atividade historiográfica vai sempre ser capaz de descrever todos os fatos passados, mas que ela só atinge seu verdadeiro propósito quando se restringe àquilo que é capaz de descrever, e o faz com honestidade. Nada pode ser pior para a descrição histórica do que a contaminação ideológica, que impede os historiadores de enxergar o que não se adequa a sua pobre visão de mundo.

Uma vez descrita a realidade, aí sim é possível emitir sobre ela um juízo valorativo. Não me estenderei aqui sobre a necessidade de emitir esse juízo. Basta dizer que, sem que possamos enxergar a História de um ponto de vista universal e absorver dela algo que nos informe sobre nós mesmos, o estudo histórico deixa de ser necessário. Ora, incorporar à nossa vida verdades que nos tenham sido legadas por atos ou palavras dos homens que nos antecederam requer a emissão de um juízo.

Deste ponto de vista, podemos delinear, como aponta Olavo de Carvalho, três tipos de atuação histórica: aquele que não tem nenhum tipo de significação fora do contexto em que se desenrolou, aquele que deixa para os tempos seguintes um modelo de ação inspirador (e tem importância universal) e aquele que deixa atrás de si uma sombra de pesadelo, espécie de modelo negativo - o que não se deve repetir.

Tudo isso vem bem ao caso nesta época de exaltação ao movimento "revolucionário" de Canudos e ao seu chefe Antônio Conselheiro.

Dar a esse movimento um valor além de suas próprias circunstâncias é uma falsificação enorme, um exemplo perfeito da citada política retroativa. Antônio Conselheiro não foi um visionário e Canudos não foi um Movimento dos Sem-Terra *avant la lettre*. Foi, simplesmente, uma manifestação de crendices populares, um fenômeno localizado, provocado por um sentimento de impotência ante as

novidades republicanas. Não há nenhuma profundidade mística, nem reivindicações progressistas nesse movimento. Há, sim, fanatismo e ignorância, recusa a qualquer autoridade e espírito de desordem.

Quando a nossa esquerda *progressista* elege como ídolo um sujeito como Conselheiro, é que perdeu completamente a noção dos fatos. Até porque o movimento foi reacionário, anti-progressista. Conselheiro criticava as mudanças introduzidas pela República, pregava a volta do Império e se aproveitava do sentimento religioso popular. A atração que exerceu - e exerce - vem da necessidade de ter algum modelo, de depositar as esperanças em alguma figura pública. Mais ainda, em alguém que se diz investido de poderes divinos.

Citemos a maior autoridade no assunto, Euclides da Cunha, mesmo correndo o risco de destruir doces ilusões: "Canudos ia se tornando o homizio *[esconderijo]* de famigerados facínoras." De fato, o que Euclides observa no movimento é o desrespeito ao que quer que seja, aliado a uma devoção fanática a um líder messiânico, a quem foram atribuídos até milagres.

Não pensem que apóio o massacre. Pelo contrário. Tão ou mais selvagens que os sertanejos foram os militares, que não se esforçaram nem um pouco para compreender o movimento e nem refletiram sobre a imprevidência de suas ações.
O próprio Euclides os advertira que o extermínio de Canudos levaria a uma guerra longa e sangrenta. "O sertanejo é antes de tudo um forte" e lutou até o fim de suas forças. Ignorando esse fato, o sucessivo envio de tropas do Exército para a região levou a três conseqüências problemáticas, mutuamente relacionadas: a exaltação dos sertanejos, que culminava com o aumento do prestígio de Conselheiro; a morte (perfeitamente evitável) de milhares de soldados e a dizimação da população de Canudos; e o crescente atrelamento do poder político ao poder militar. A Nova República se tornava refém de seu braço armado.

Esse breve resumo pretende mostrar que não nos cabe dar à revolta de Canudos um *status* de luta do Bem contra o Mal. Reconheçamos que houve erros de ambas as partes, da mesma forma como ambas tinham suas razões. A terra é uma reivindicação legítima, desde que não se faça disso um instrumento para a instalação do caos - e, vale ressaltar, o discurso de Conselheiro tende mais para o caos do que para a legitimidade. Da mesma forma, a segurança nacional é uma causa legítima, deixando de sê-lo quando o poder armado incorre em abusos - caso no massacre de Canudos. Endeusar qualquer um dos lados é uma imprevidência e uma estupidez. Satanizar o outro, idem.

Mas será que adianta o apelo à razão, quando o público universitário está ensegue-cido pelas trevas da ideologia, e a ânsia de poder político se sobrepõe a qualquer outra aspiração da alma?

por SERGIO COUTINHO DE BIASI

CIÊNCIA VERSUS FILOSOFIA ?

Iniciamos com este artigo uma coluna cujo assunto será a consideração das influências mútuas entre os desenvolvimentos da ciência e da filosofia.

Vivemos em uma época na qual os filósofos, em sua maioria, estão muito afastados dos cientistas. Historicamente, ciência e filosofia surgiram juntas e durante muito tempo se confundiram; a própria física começou como ***filosofia natural***. À medida em que o tempo passou, e a ciência ganhou uma complexidade cada vez maior, e nossa compreensão do mundo e do universo - pelo menos a nível fenomenológico - se expandiu, porém, uma atividade ficou cada vez mais distinta da outra. À medida em que o território da ciência se expandiu, suas fronteiras - para além das quais está a metafísica e a filosofia - pareceram cada vez mais distantes, para muitos, da quase totalidade da atividade científica. Desse modo, chegamos a uma cisão suspeitíssima na qual acredita-se que é possível produzir ciência de alta qualidade sem nunca gerar qualquer pensamento filosófico novo e que seja possível filosofar sobre a realidade (supondo que exista uma) sem conhecer ou se reportar à ciência.

Ora, em ambos os sentidos estamos cometendo erros crassos, e prejudicando - em certos casos impedindo - tanto o progresso da ciência como o da filosofia.

Por um lado, a ciência não pode avançar - ou sequer existir - sem a filosofia. As estruturas filosóficas, conscientes ou não, constituem a ferramenta através da qual tentaremos interpretar a realidade - e isso vale tanto para um bebê recém nascido como para um grupo de pesquisa em física nuclear. Até aí, poderíamos conceber a filosofia como fundamento implícito mas dissociado do ***objeto*** da ciência. Só que o conhecimento não consiste apenas em preencher com percepções e experiências uma forma já pronta. Ao contrário, os grandes saltos de compreensão se dão quando reformulamos nossas formas (geralmente ao depararmos com percepções que não sabemos onde encaixar). De fato, o tipo de conhecimento que a ciência pretende obter sobre a realidade está muito mais nas estruturas que descobre serem "adequadas" para interpretá-la do que no acúmulo infinito de percepções. Assim, todo grande avanço na ciência - aquele tipo de avanço que alarga suas fronteiras - não só requer mas ***consiste*** em uma mudança nas estruturas filosóficas através das quais pensamos a realidade.

Por outro lado, em particular pelo exposto acima, a filosofia não pode ficar alheia aos avanços da ciência. À medida em que a ciência avança, ela penetra em domínios que antes pertenciam à filosofia. Nossa apreensão da realidade se altera através das eras e, aos poucos, questões que antes pertenciam por excelência ao domínio do debate filosófico

puro, e demarcavam até mesmo os limites do cognoscível, passam a poder ser tratadas cientificamente. Dessa forma, questões como "Que são as estrelas ?", "O que é a luz ?", "Será o universo infinito ?", "De onde surgiram os seres humanos ?", "O tempo passa com a mesma velocidade em todos os lugares ?" que em diferentes épocas já foram - e facilmente esquecemo-nos disso - questões filosóficas, hoje são tratadas pela ciência. Tal mudança de situação não impede incursões da filosofia pura em nenhum desses assuntos - porém é fundamental que quem se disponha a fazê-las considere - e para tanto precisará conhecê-los - os argumentos científicos relevantes. Já outras questões como "O que é o bem ?", "Por que estamos aqui ?", "Existe um Deus ?", "O futuro está predeterminado ?", ainda hoje são, eminentemente, competência da filosofia. Talvez algum dia se torne possível tratá-las no âmbito da ciência, talvez não; a filosofia é mesmo mais abrangente que a ciência. No entanto, o filósofo deve perceber que as descobertas científicas revolucionárias não apenas apresentam ***conseqüências*** filosóficas profundas, mas mais do que isso, ***consistem*** em reformulações filosóficas, e muito bem fundamentadas.

A ciência expandiu-se tanto nos últimos séculos que muitas vezes filósofos e cientistas perdem de vista que são atividades com uma fronteira - freqüentemente nebulosa - em comum, e que quanto mais a filosofia fala sobre a realidade concreta, mais próxima ela está da ciência, assim como quanto mais a ciência se universaliza, mais próxima está da filosofia pura. Pretender conhecer a realidade e fazer ciência sem empregar a filosofia é como tentar construir a cobertura de um prédio antes de lançar as fundações. Porém, fazer filosofia ignorando a ciência é como estudar o problema genérico das fundações ignorando os arranha-céus que já estão construídos por aí.

Por mais forte e clara que seja essa ligação, há porém uma forma de sabotá-la, que desfruta de considerável popularidade : negar não só a acessibilidade mas a própria ***existência*** de uma realidade objetiva, concreta, suposição básica sem a qual a ciência se torna não só desconectada da filosofia mas completamente inviável. A conseqüência direta dessas concepções subjetivistas e relativistas é um universo no qual todas as opiniões têm o mesmo valor e ninguém está efetivamente "com razão" sobre coisa alguma. Deliciosamente "democrático" ? O que de fato ocorre é que demolida a distinção entre o pensamento/sentimento de cada um e tudo o que está fora de nós, entre o que projetamos nos outros e o que vem de nós mesmos, fica, de fato, impossibilitada a comunicação e compreensão do outro, dado que estamos efetivamente negando seu direito de existir independentemente. E, como nada faz sentido mesmo, estamos isentos de qualquer responsabilidade e só o que pode prevalecer é nossa vontade pessoal. Em uma tal situação, só nos resta submeter (a marretadas) continuamente tudo e todos a nossas ilusões e fantasias (ao invés de, ao contário, adaptar nossas concepções e representações internas ao que vemos), num orgasmo de egocentrismo esquizofrênico.

Felizmente, essa visão de mundo se revela não somente dantesca mas também de pouca consistência. Afastada a possibilidade da unificação de todas as nossas realidades subjetivas em uma única e universal realidade objetiva, qualquer proposta filosófica fica transformada em um fim em si, em um delírio exclusivamente formal. E, de qualquer forma, não adianta espernear e dizer que não é possível fazer o que ***já está efetivamente sendo feito***. A evidência mais contundente da existência de algum tipo de realidade objetiva é justamente o gigantesco e cada vez maior sucesso que a ciência vem obtendo em operar baseada nessa suposição.

por PEDRO SETTE CÂMARA

A NEGRA NOITE DA CONSCIÊNCIA

Às vezes me pergunto em que país eu vivo. Porém, o testemunho da minha consciência me faz ver que a loucura que gera esta questão tem origem nos outros, e não numa possível ilusão geográfica minha. Eu continuo são, e meus olhos não me enganam. A única coisa que persiste é, talvez, a sensação de que eu preferia estar profundamente errado ou meio doido mesmo.

Foi exatamente assim que eu me senti ao descobrir que se realizaria na PUC uma *Semana de Consciência Negra*, um evento inspirado na idéia norte-americana do "politicamente correto". Acredito mesmo que isso só possa ser fruto da tal "colonização cultural", um fenômeno que, em tempos de "globalização", ficou meio esquecido, mas que, infelizmente, existe sim: basta olhar para os negros brasileiros, que, em termos de aceitação social, têm uma vida muito melhor do que a dos negros americanos - lá nos EUA existe racismo *mesmo* - querendo importar os problemas deles.

Se pudéssemos apontar qual o maior exemplo - quiça único - que o Brasil dá à humanidade, ele está na convivência interracial e multicultural. Só aqui, na TV, passa comercial de programa árabe durante o programa judeu. Só aqui todo mundo convive muito bem, sem Ku Klux Klan e sem ódio "étnico". A única parte que assume isso são os *skinheads* e todo mundo sabe muito bem que eles são considerados um grupo malévolo à parte que deve ser combatido.

(Alguém pode dizer: "aqui o racismo é sutil". Eu pergunto: o que é "racismo sutil"? Quem não gosta de uma raça sempre manifesta isso de uma maneira que qualquer espírito, ainda que não muito sutil, percebe.)

O grande racismo, nada sutil, mas que pouca gente percebe, está em eventos como esta *Semana de Consciência Negra*. Primeiro, porque ninguém acharia bonito se fizéssemos uma *Semana da Consciência Branca*. Promover uma raça, qualquer que seja, é racismo. E eu não vejo nenhuma razão para tolerar nos outros o que eles pretendem condenar em mim. A única razão que se poderia alegar para que eu tolerasse isso é uma certa infantilidade da parte deles. É em criança que se tolera esse tipo de atitude.

Donde se conclui o óbvio: uma *Semana de Consciência Negra* depõe contra a própria raça negra, como se esta fosse composta de pessoas que precisassem desesperadamente de auto-afirmação. Auto-afirmação, aliás, equivocada: nenhuma produção de cultura negra será boa ou relevante para a humanidade por ser *negra*, mas por ser *cultura* (não no sentido antropológico do termo). O poeta Cruz e Souza não se destaca como um poeta

de relevância universal por ter sido *negro*, mas pelo valor da sua poesia, que teria o mesmo valor se tivesse sido escrita por um viking.

Querer falar de uma consciência *negra* como se esta fosse essencialmente diferente de uma consciência branca, ou árabe, é realmente estúpido. Porque, sendo diferente, e havendo tamanho esforço para celebrá-la e estimulá-la, só se pode concluir que ela seja ou superior ou inferior às outras. Faz-se tanto pelo consciência negra para ajudar ao mais fraco; ou então celebra-se tanto a consciência negra poe ela ser superior, a base mesmo da nossa civilização. A primeira é um nazismo patético às avessas; a segunda é nazismo mesmo - e com nazista eu não converso.

Um argumento que é utilizado pela *comunidade negra* (já pensou como soaria *comunidade branca*?) é o de reparação. Reparação das injustiças que foram cometidas contra os negros, escravizando-os, tirando-os da sua terra, etc. Bem. Os faraós egípcios, que, segundo alguns, eram negros, escravizaram vários povos durante mais de mil anos. A escravidão era prática comum entre as tribos africanas e todos sabemos que os negros das tribos mais fortes foram cúmplices dos europeus no comércio de escravos. Assim sendo, sugiro que os negros que desejam reparação façam árvores genealógicas para ir cobrá-la dos descendentes dos negros escravizadores. E, antes disso, peçam a conta a todos os povos escravizados pelos egípcios.

O pior mesmo é que ninguém atenta para isto. Só quando trouxerem a prática norte-americana (já banida) de "ação afirmativa" é que vão perceber. Houve na PUC, durante a *Semana*, um seminário sobre o tema. Para quem não sabe, "ação afirmativa" ("affirmative action" mesmo) é uma prática evidentemente racista que consiste em garantir uma porcentagem x de lugares para as minorias em certos meios dos quais elas se sentem excluídas - por exemplo, as universidades. Evidentemente racista porque toda decisão tomada com base em raça é racista. Assim, as universidades são obrigadas *por lei* a admitir tantos negros, de acordo com uma proporção matemática extraída no número de negros na região. A grande diferença dos EUA para o Brasil, neste sentido, é que lá, na hora de você entrar na universidade - falo por experiência própria - você fundamentalmente manda o seu currículo. Aqui no Brasil o sistema é de vestibular, e cada universidade tem o seu. Já imaginaram a beleza que vai ser, se a "ação afirmativa" vier para cá, o vestibular? Salas para negros - que ou farão provas bem mais fáceis ou terão critérios mais brandos de avaliação, já que a universidade é *obrigada por lei* a ter em seus quadros um percentual predeterminado de alunos negros - e salas para brancos? Isto aí é ou não é a explicitação de uma demência completa?

Ninguém vê porque a consciência mesma, seja negra, branca, grega ou troiana, está mergulhada numa noite de preconceitos. E o preconceito é um tipo de cegueira intelectual. São cegos perdidos à noite que só tem outros cegos para os guiarem e que crêem que a cura da cegueira seja mais cegueira. O ruim com o ruim não dá bom: dá pior. Estas práticas, que só aumentaram o racismo nos EUA, produzirão um efeito muito mais nefasto no Brasil, que apesar de não ter valores culturais tão arraigados, têm como maior valor a boa convivência racial. Todo este discurso só vai ter como único resultado a importação de um problema que nós não temos. Vão inventar a consciência de uma contradição que não existe, e o Brasil vai dar mais um passo para longe da realidade.

por Zé Roberto H. B. de Barros

O Futuro do Ridículo

Há alguns dias atrás eu pude presenciar o espetáculo que nos foi apresentado pela deputada Marta Suplicy no programa *Jô Soares Onze e Meia*, onde foram discutidos alguns de seus projetos de lei, entre eles: "Parceria social entre pessoas do mesmo sexo", "Assédio Sexual"e "Controle de qualidade dos Programas da Televisão pela Audiência", para usar a denominacão utilizada pela deputada.

O primeiro destes projetos, a parceria social, visa a criação de mecanismos jurídicos é obviamente voltado para os homossexuais, apesar da deputada ter negado isto ao frisar que não é necessário nenhuma relação sexual entre os parceiros comentando que pode até ser feita entre a avó e a neta. Ora, não há nenhuma necessidade de se criar uma lei nova para a disputa de bens entre a avó e a neta, ou seja, este comentário não foi nada mais que uma tentativa de desviar a conversa do ponto principal, isto é, a necessidade duvidosa de se criar essa lei para os homossexuais. Digo duvidosa porque não se sabe quantos homossexuais efetivamente querem assumir esse contrato, e como não foram apresentadas estatísticas, fica difícil avaliar isto. Porém, realmente patética foi a atitude de Jô Soares, ridicularizando, como se fosse uma grande autoridade no assunto, aquelas pessoas que consideram o homossexualismo uma doença. Pois eu acho que, se não é uma doença é no mínimo algo muito peculiar evolutivamente falando.

Quanto ao assédio sexual, tudo o que se pode dizer é que é uma lei absurda na maioria dos casos que a ela se aplicariam e desnecessária nos outros. Para ilustrar este ponto usarei os dois exemplos citados pela deputada. O primeiro demonstrava nada mais que uma corte tradicional, mas o homem também era o chefe da mulher. Aí, as familiaridades foram crescendo lenta e gradativamente, e a mulher que poderia ter dado um sinal que não estava interessada achou que se não fizesse nada o chefe iria desistir, numa ingenuidade muito suspeita. Evidentemente tratar disto como assédio sexual seria um absurdo grosseiro. Já o segundo caso tratava do outro extremo, onde o chefe mandava a subordinada ir para o trabalho sem sutiã para "ver o caimento", e daí piorando. Ora, se a situação é tal que ou ela aceita isto ou é despedida, seria caracterizado o abuso de poder para o qual já existe uma lei, tornando assim desnecessária a lei de assédio sexual neste caso.

O tema principal do segundo bloco da entrevista foi o controle de qualidade dos programas de televisão pela audiência. Este controle consistiria numa conscientização do povo para que este reclame com quem anuncia em um programa que o revolte e ameace parar de comprar o produto anunciado se este não retirar a propaganda. A deputada fez questão de frisar que esta crítica deve ser feita junto ao anunciante, e não à emissora, pois estas só estão preocupadas com os índices de audiência. Parece que a deputada se esquece que a importância dada a esses índices não é uma idiossincrasia das emissoras, mas sim porque eles indicam quantas pessoas vêem este programa *e olham as ofertas anunciadas,* ou seja, estes índices são também importantes para os anunciantes, que não irão se preocupar com a minoria que não gosta do programa, enquanto a maioria do público continua interessado nele. A sorte da deputada é que o Jô, que discordava desta idéia por ser contra todo tipo de censura, não queria contestar o argumento dela, mas sim participar de uma disputa ridícula pelos aplausos da platéia, e esta bobagem passou em branco.

Ao terminar de ver este programa, foi com grande pesar que percebi que esta mulher, que durante o programa só falou absurdo sobre absurdo, é considerada por muitos como um dos expoentes da sociedade brasileira, levando o Brasil para o futuro no contexto das relações sociais.

REFLEXÕES APÓS OS ESCOMBROS

I

A sombra de haver
sentido de ser
supera o pesar.

O sonho do outro,
se é que há outro,
está em se dar.

Além da medida
comum dessa vida
que é de lascar.

O resto é saudade:
tristeza que invade
a falta de amar.

Pedro Sette Câmara
Julho/97

por *Cláudio Lévi's-Lee.*

QU'EST-CE QUE C'EST "CAMBRALHA" ?

Quando vim visitar a PUC, deparei com um estranho fenômeno da *pensée sauvage*: a "Cambralha". Fui ver o que o termo queria dizer e descobri que significa "halloween" em português, tendo provavelmente sido inventado por Haroldo de Campos. Nesta prática, os alunos organizam performances pela universidade, pintam faixas e perguntam às pessoas: "esquerda ou direita?" Se o coitado diz que é de direita, pregam-lhe atrás um adesivo dizendo "neonazifascista"; se não sabe, chamam-no "alienado" aos berros histéricos, obrigando-o a engolir um monte de cultura ao molho pardo. Mas, se for de esquerda, então cambralhista e cambralhado prometem um lutar pelo aborto do outro na próxima encarnação, que o direito ao aborto é o mais inalienável dos direitos humanos.

Sem dúvida, trata-se de um caso de colonização cultural(de bactérias), pois a inspiração é evidentemente anglo-saxônica. Tal culto pelo macabro só pode ser fruto de uma falta do que fazer que não faz nada além de assistir à enlatados norte-americanos na NET o dia inteiro - como dizem os ingleses, *the devil plays with idle hands*. Associada a esta causa está o consumo de maconha, cujos danos ao cérebro são visíveis a qualquer tomografia na cabeça destas pessoas. Fumam a erva natural, aquela erva natural como veneno de cobra, que "não pode te prejudicar" e saem cambralhando por aí. Quando a *pensée sauvage* utiliza *tristes psicotropiques*, é lobotomia na certa! Essa gente devia prezar os poucos neurônios que têm...

Falando em drogas, o motivo desta vez para a Cambralha é a Guerra de Canudos. O *leitmotiv* é o espírito de indignação em si. Desconfio haver uma apologia ao uso de cocaína aí, mas deixemos de maldades - é claro e evidente que o assunto de maior relevância no Brasil de hoje é o centenário de Canudos. O Coletivo Cultural, entidade oriunda do Partidão que crê que várias burrices juntas pensam melhor que uma burrice solitária, numa grande "corrente pra frente" neuronal, pretende pedir um patrocínio ao Subway para a implantação de uma instalação com mais de um milhão de canudinhos de plástico, que serão todos pintados de fiéis de Antônio Conselheiro, de soldados, e de Euclides da Cunha. Haverá ainda um canudo gigante que será o próprio Conselheiro, o Canudo-Chefe. Estes selvícolas me cansam...

Mas o mais interessante é a faixa que dizia "Che". Primeiro pensei que fosse uma homenagam ao Nobel de Dario Fo, mas logo vi que se tratava de uma referência à segunda encarnação de Antônio Conselheiro. E não é que o cara baixou num sujeito, que, atormentado, foi parar na Juliano Moreira? (Não, não era o Arthur Bispo do Rosário.) Esse maluco, achando que era Napoleão Bonaparte, adotou o nome de Che Guevara. Coitado... enlouqueceu na guerrilha. Sua lenda se espalhou, mas eu nunca imaginei que ele fosse chegar a se tornar a Grande Abobóra do movimento pelo Halloween na PUC.

CLÁUDIO LEVI'S LEE *é autor, entre outros, de "O Pensamento Puckiano". Está no Brasil como enviado especial da Sorbonne para estudar "L'Exotique".*